

O ringue de Iúli Daniel

Marina Darmaros¹

Resumo: *Iúli Daniel nunca se considerou poeta, como relembra seu filho, Aleksandr, em introdução a este artigo. Mas, durante os cinco anos entre o cárcere e o gulag, o tradutor dedicou-se a uma produção autoral que resultou na publicação de uma coletânea de poemas, entre eles, “O ringue”, aqui vertido do russo ao português pela primeira vez, apesar de sua figura ter ganhado alguma repercussão no Brasil ainda nos anos 1960, quando de sua prisão.*

Palavras-chave: URSS, poesia, Estudos da Tradução, Literatura Russa

Abstract: *Yúli Daniel never considered himself a poet, as his son Aleksandr recalls in an introduction written exclusively to this article. But during five years he spent between jail and gulag, the translator devoted himself to an authorial production which resulted in the publication of a poem collection which included “The ring”, translated here into Portuguese for the very first time although his figure have gained some repercussion in Brazil in the 1960s, when he was arrested.*

Keywords: USSR, poetry, Translation Studies, Russian Literature

Аннотация: *Как писал в предисловии к этой статье его сын Александр, Юлий Даниэль никогда не считал себя поэтом. Однако, в течение пяти лет между тюремным заключением и ГУЛАГом переводчик посвятил себя созданию авторских произведений, которые позже были опубликованы в формате сборника его стихов. В сборник вошло и стихотворение «На ринге», перевод которого на португальский публикуется здесь впервые, несмотря на то, что в 1960-х годах, во время тюремного заключения автора, в Бразилии его фигура не оставалась безызвестной.*

Ключевые слова: СССР, поэзия, переводоведение, русская литература

1 Marina Darmaros é mestra em Jornalismo Internacional pela Rossiski Universitet Drujbi Narodov e doutoranda no programa de Literatura e Cultura Russa da USP. Sua pesquisa atual, orientada pela Prof. Dra. Elena Vássina, está voltada ao cotejo da obra original de Jorge Amado com suas traduções para o russo na extinta União Soviética. Contato: marina.darmaros@usp.br

A produção autoral de um tradutor per se no cárcere

Em 11 de fevereiro de 1966, o *Jornal do Brasil* publicou uma nota em posição privilegiada - no canto superior da capa, ou seja, não era preciso sequer desdobrá-lo para lê-la - sob o título “Escritores russos negam acusações”. Tratava-se de um dos casos mais famosos no país acerca de intelectuais acusados de publicar no exterior literatura que difamava a União Soviética, relativo a Iúli Daniel e Andréi Siniávski. Seu julgamento teve ressonância mundo afora e também no Brasil.

Nove dias depois, o mesmo jornal publicava, já no pé da página oito, a íntegra de um manifesto e os nomes de todos os mais de cem “intelectuais brasileiros” - entre eles, Antônio Callado, Millôr Fernandes, Dias Gomes, Fernanda Montenegro, Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha - que subscreviam o texto:

Os intelectuais brasileiros, abaixo assinados, fiéis a sua luta em defesa da liberdade de pensamento e expressão, vêm manifestar seu repúdio à decisão da Justiça da URSS que condenou os escritores Andrei Sinyavski e Yuli Daniel por terem formulado críticas ao Governo daquele país. Enfrentando a arbitrariedade e o terrorismo cultural dentro de nossa Pátria, onde dezenas de intelectuais têm sido condenados, presos e perseguidos, não podemos aceitar, qualquer que seja a razão, a violência do Estado contra intelectuais em qualquer parte do mundo. Lamentamos que fatos como esse continuem a se verificar na URSS tantos anos depois da luta ali travada contra o obscurantismo stalinista. Reafirmamos nossa convicção de que só num clima de ampla e irrestrita liberdade podem florescer a cultura e a democracia (JORNAL DO BRASIL, 1966: 8).

O tribunal qualificou como crime, apesar do frisson global, o fato de Daniel ter escrito contos que atacavam o sistema soviético e publicá-los no exterior, “além disso, caluniando o prestígio da União Soviética sob os olhos dos países capitalistas” (tradução minha)², como relembra o pesquisador Mark Hutcheson (1989). Publicando no exterior sob o pseudônimo de Nikolai Arjak, Daniel foi julgado, junto a Andréi Siniávski, que assinava como Abram Terts, em fevereiro de 1966. Ambos foram condenados por uma corte criminal por traição à União Soviética. Ainda segundo aponta o Hutcheson, Daniel alegava que apenas a descontextualização de seus textos poderia levar a tais conclusões.

2 No original: “... secondly, by publishing these stories abroad and thus detracting from the Soviet Union’s prestige in the eyes of capitalist countries”.

Em 1989, o pesquisador analisaria o caso de Daniel como “uma reabilitação de particular interesse” após a União Soviética “tornar-se tão tolerante com a poesia que poetas recitavam suas obras pelas ruas de Moscou” (tradução minha)³ na era Gorbatchov. A tendência, porém, já era anterior à glasnost e à Perestroika, como escreve, em introdução a minha tradução que se apresenta em seguida, direta do russo para o português, do poema “No ringue”, o filho de Iúli, Aleksandr Daniel.

Em apêndice a seu artigo, Hutcheson (1989) notava também que:

Na edição de maio de 1989 da [revista] *Ogoniok*, [o poeta] Evguêni Evtuchenko diz que o senador Robert Kennedy lhe informou, durante sua visita a Nova York, em novembro de 1961, que a relação dos pseudônimos Arzhak e Tertz com Daniel e Siniávski foi revelada pela CIA à KGB. Claramente, sem essa informação, o julgamento nunca teria ocorrido. O motivo dos americanos era distrair a atenção de seus bombardeios no Vietnã. Outras fontes sugeriam que o próprio Kennedy era o responsável, dado que ele era um dos mais importantes difamadores da União Soviética durante o caso Daniel-Siniávski (tradução minha)⁴.

Hoje, passados 51 anos, infelizmente, a obra de Daniel, ao que parece, não encontrou eco em traduções para o português. E, ainda que qualquer condenação pela palavra escrita possa parecer cruel, o leitor lusófono ainda não pôde julgar por si próprio o teor dos escritos de Daniel.

Conquanto tragamos aqui um poema cunhado pelo escritor já durante o período em que se encontrava nos campos de trabalhos forçados, os chamados gulag, acreditamos que esta possa ser uma primeira contribuição para uma melhor compreensão do autor. A tradução que se apresenta em seguida, como já mencionado, é introduzida por texto cunhado por seu filho, Aleksandr Daniel, originalmente para esta edição da *Cadernos de Literatura em Tradução*, e vertido do russo ao português, com notas, por mim. Já o poema, traduzido também por

3 No original: “... one rehabilitation of particular interest” e “The Motherland herself is becoming so tolerant of poetry that poets reciting their work on the streets of Moscow are quite a common sight and literary clubs are flourishing”.

4 No original: “In the May 1989 issue of *Ogonyok* Yevgeni Yevtushenko says that Senator Robert Kennedy informed him during his visit to New York in November 1961, that the pseudonyms Arzhak and Tertz had been linked by the C.I.A. to Daniel and Sinyavsky for the K.G.B. Clearly without this information the trial would never have taken place. The Americans’ motive was to distract attention from their bombing campaign in Vietnam. Other sources suggest Kennedy himself was responsible, hypocritical backstabbing given that Kennedy was one of the most vociferous American detractors of the Soviet Union during the Daniel- Sinyavsky affair”.

mim, deve grandes agradecimentos ao olhar cauteloso do tradutor russo Dmítri Golub, que colaborou com sua revisão.

Como bem sabem todos os que têm algum interesse pelos estudos da tradução, verter um texto de uma língua a outra é uma escolha e uma “traição”. No caso da tradução poética, isto é ainda mais patente. Ao verter “No ringue”, quase sempre busquei manter-me fiel ao sentido, apesar de, para isso, conscientemente traír a forma. Gostaria que este primeiro esforço em verter Daniel, entretanto, fosse recebido como um incentivo para que outros tradutores também viessem a trabalhar este e muitos outros autores soviéticos que ainda carecem de versões em português.

Introdução da tradução de “O Ringue” para a revista *Cadernos de Literatura em Tradução* (Aleksandr Daniel)

Iúli Daniel nunca se considerou poeta. Inicialmente, também não se passava pela cabeça de Daniel ocupar-se sistematicamente da composição de versos. Salvo de quando em quando, como muitos em seu círculo, ele se permitia compor paródias em versos improvisadamente ou epigramas “ocasionalmente” – mas, como se pode supor, não levava a sério essas experiências. É verdade que ele introduzia com arte fragmentos poéticos em seus textos em prosa: na novela histórica inédita “Begstvo”⁵ (em tradução livre, “Fuga”), há versos estilizados ao século 18 (o tempo da ação da novela); capítulos da novela “Govorít Moskvá” (em tradução livre, “Fala Moscou”) são abastecidos de epígrafes em versos assinadas por nomes de poetas inexistentes; no conto “Iskuplenie” (em tradução livre, “Expição”), montam-se poemas e canções “compostos” por personagens da história. Apesar de todo o brilho dessas miniaturas em versos, elas foram pensadas como elementos da prosa e não pretendiam ter uma existência literária própria. (É verdade que, posteriormente, uma dessas miniaturas – a canção “Tsigânki”, em tradução livre, “Ciganas”, executada por um dos protagonistas de “Iskuplenie” – foi musicada, concomitantemente, por vários músicos e, de repente, entrou para o folclore nacional).

Estritamente falando, ele não atribuía significado literário tampouco a sua prosa – aos três contos, “Ruki” (“Mãos”), “Tchelovek iz MINAPa” (“O homem do Instituto Moscovita de Profanação Científica”) e “Iskuplenie”, e uma novela

5 Nota de Aleksandr Daniel (daqui para frente, N.A.D.): Esta novela foi aceita para publicação em 1965 pela editora “Detgiz” e chegou a ser impressa em tipografia – mas então Daniel foi preso e toda a tiragem impressa, destruída.

curta, “Govorít Moskvá” –, a mesma prosa que ele publicou em segredo no exterior sob o pseudônimo “Nikolai Arjak” e devido à qual foi condenado a cinco anos no campo de trabalhos forçados. Seu amigo Andréi Siniávski, condenado junto com ele, formulou seu próprio projeto literário, que chamou de “realismo fantástico”, e o concretizou vigorosamente em romances, novelas e contos de seu pseudônimo Abram Terts. Siniávski tinha entendido claramente que trilhava um novo caminho na literatura nacional. Já Daniel, lidava com grande respeito e admiração com o experimento literário de Siniávski-Terts sem, no entanto, proceder de qualquer projeto teórico: ele apenas experimentava a si próprio na literatura de ficção, não superestimando (imagine só, melhor seria ainda dizer subestimando sim) os resultados. Ele termina sua novela “Govorít Moskvá” com as palavras: “Penso que minha obra poderia ter sido escrita por qualquer outra pessoa de minha geração, de meu destino, já que eu também sou um amante deste detestável e belo país”. A literatura de ficção não era a principal ocupação de sua vida: é interessante notar que ele sempre escreveu sua prosa limpa, sem borrões, rascunhos e versões, sujeitando os escritos apenas a edições estilísticas insignificantes. Às vezes me parece que toda a história com a “escrita secreta” era para ele, principalmente, uma aventura literário-biográfica, um incidente arriscado no mundo da filologia.

A verdadeira profissão literária de Iúli Daniel era a tradução poética, e ele lidava com essa sua profissão com extrema seriedade. Para dar o som adequado em russo a alguma oitava em língua estrangeira, ele podia se debruçar por semanas ou meses sobre uma tradução literal, alterando e jogando fora dezenas de versões, mergulhando, repetidas vezes, na arte do poeta traduzido, na cultura e na história do outro país. Com orgulho, ele chamava a si próprio de artesão da tradução poética, colocando no radical da palavra “artesão” seu significado primário, comercial-medieval e de agremiação.

Pretender a um título de poeta nem se passava pela cabeça de Daniel: ele colocava a poesia russa em uma posição alta demais, a mais alta possível, para fazê-lo.

Para mim, foi inesperado quando, em fevereiro de 1966, no primeiro encontro na solitária preventiva de Lefortovo, já após o julgamento e a condenação, meu pai nos informou, a mim e minha mãe, que começara a compor versos na prisão. Ele quis até mesmo ler para nós um deles, que, como disse, tinha “conteúdo puramente esportivo” – mas foi interrompido pelo vigilante carcereiro que presenciava o encontro. Possivelmente, era justamente o poema “Na ringue” (em tradução livre, “No ringue”).

“O que o papai tem?”, eu perguntei a minha mãe enquanto saíamos do encontro. “O que há com ele, ele resolveu se reclassificar como poeta?”. “Não

se afobe”, respondeu filosoficamente minha erudita mãezinha. “Na prisão todos escrevem versos.”

(Quando, dois anos e meio depois minha mãe, por sua vez, foi parar na prisão, eu relembrei, em um encontro, as palavras dela. “Todos, menos eu!”, respondeu orgulhosamente ela.)

Realmente, o primeiro verso da prisão de Iúli Daniel dedicado aos amigos (“Vspomináite meniá. Já vam vsem po stroke podaríu”, ou “Lembrem-se de mim. Eu presentarei cada um com um verso”) foi escrito por ele em setembro de 1965, alguns dias após sua detenção, na prisão preventiva de Lubianka⁶. Já seu último poema, que também se chama “Poslednee” (“Último”), foi escrito na prisão de Vladímír em agosto de 1970, algumas semanas antes de ser libertado. E acabou-se, meu pai nunca mais tratou de poesia.

Não, ele não tinha vergonha de sua obra poética. Em suas cartas enviadas do campo de trabalhos e da prisão de Vladímír, ele sempre a discutia com seus correspondentes, apesar de o tom geral dessas discussões ser moderado: era-lhe agradável quando os amigos elogiavam seus versos, mas quando os criticavam, ele também não guardava muita mágoa. Transcrevo alguns trechos dessas cartas:

“Resolvi decididamente que não escreverei em prosa aqui. O que escrevi, queimei. É mal e não o é. Não se pode, não se deve escrever impensadamente. Mas é muito estranho, e eu mesmo não entendo qual é o problema: escrevo versos sem grande cuidado, sem o ‘editor interno’. Eis que é a isso que me limito – a meus versos e traduções.” (da carta N° 17, datada de 16/11/1966)⁷

“Não tenbo, ou praticamente não tenbo amor-próprio de autor; pelo menos não em relação à poesia. De qualquer maneira, não me relaciono com quem quer que seja que diga qualquer coisa, exceto sobre as sinopses.” (da carta N° 54, datada de 11/11/1968).⁸

“Não achei que fosse possível lidar com isso tão seriamente e falar sobre isso tão profissionalmente. Apresentaram-me avaliações cada vez mais simples: ‘bem-sucedido e malsucedido’, ‘gosto ou não gosto’. Ai... há uma grande conversa literária, completa, cabível? [...] é estranho e não é do meu feitio participar disto. E eu, com efeito, como pensava? Que tudo isso (não só

6 N.A.D. Andréi Siniávski e Iúli Daniel estiveram entre os últimos prisioneiros desta conhecida prisão preventiva da URSS: no outono ela foi fechada e todos os que eram mantidos nela sob investigação, entre eles, Siniávski e Daniel, foram transferidos às solitárias preventivas da KGB em Lefortovo.

7 N.A.D. DANIEL, Iúli. “Iá vsio sbivaius na literaturu...”. Pismá iz zakliutchenia. Stih. Moscou: Memorial-Zvenia, 2000. p. 143.

8 N.A.D. Idem, p. 398.

esses poemas, e não só poemas) era uma ilustração para mim” (da carta N° 68, datada de 18/12/1969).⁹

Levando em conta esses trechos, os poemas autorais de Daniel não eram para ele “Poesia com ‘P’ maiúsculo”, mas somente um meio de expressão própria, um meio amplo e enérgico de comunicação com o mundo, sobretudo com os amigos. A verdadeira Poesia, segundo ele, não podia ser um meio, ela tinha um fim em si própria; de lá vem a dúvida sobre se o que ele escreve é realmente poesia. Mas a expressão própria e a comunicação são necessárias, porque Iúli Daniel precisa se assinalar publicamente, sua percepção do mundo de então, seu ponto de vista sobre o papel que ele acabava de desempenhar – o papel de herói de um notório processo político. Para Daniel, um homem excepcionalmente isolado, foi de uma estranheza profunda o papel de “figura pública”. Mas já que o destino o levou a esse papel, ele não planejava se esquivar do destino – apesar de, ao mesmo tempo, ter a intenção de se distanciar com firmeza do *pathos* dissimulado que frequentemente se conjuga à “posição civil significativa socialmente”. Existe, para um escritor que domine a pena, uma maneira melhor de declarar sua verdadeira posição que a poesia?

“... sei perfeitamente que não sou nenhum poeta lírico (nos versos, pelo menos), meus versos são declaratórios (o que, pensando bem, parece-me justamente agora que tem certo sentido) e, em geral, eles são uma condescendência por si sós. Escapo – ‘amarro-me.’” (da carta N° 4, datada de 20/4/1966)¹⁰.

Toda essa imagem mais espontânea se relaciona também ao poema “Na ringue” (em tradução livre, “No ringue”) – uma metáfora ingênua e nem um pouco mascarada da oposição ao Comitê de Segurança Nacional, oposição pela qual o autor acabava de passar e que ele ainda enfrentaria.

Além disso, os versos são o gênero tecnicamente mais oportuno para prisões e campos de trabalhos forçados. Não é preciso ocultar a todo momento manuscritos receando uma súbita busca e confisco dos escritos, já que é fácil lembrar-se de versos. Depois, às vezes, pode-se libertar¹¹ o material

9 N.A.D. Idem, p. 532-533.

10 Idem, p. 46.

11 Nota da tradutora Marina Darmaros, daqui para frente, N.M.D.: Aqui, Aleksandr Daniel emprega a palavra “vôlia” (“А потом, при случае, передать на волю”), que emprega novamente diversas vezes ao decorrer do texto com diferentes verbos e que não tem uma expressão exata em português. De origem protoeslava, “vôlia” não tem um correspondente preciso em português, aproximando-se tanto de “vontade própria” como de “liberdade”. Nesse caso, “peredát na vôliu”, ao pé da letra, significaria “transferir/passar à liberdade/vontade própria”, e acredito que a personificação desses papéis que conseguiam “passar à liberdade”, “ser libertados” seria a melhor escolha para essa terminologia em português.

caso a censura do campo deixe passar por carta, ou, se não deixar, fazê-lo por algum canal “ilegal”.

* * *

Fui apresentado aos poemas de meu pai em março de 1966, quando fomos pela primeira vez ao campo de trabalhos forçados da Mordóvia, ao chamado “encontro pessoal”. Os encontros pessoais no campo, que tinha regime de alta segurança, aconteciam uma vez por ano (se haviam), com duração de 12 horas a três dias. Nós, desta vez, recebemos dois dias. Para tanto, entre a primeira e segunda fileira de arame farpado, foi construída a “casa dos encontros” – uma pequena construção de um andar e adjacente à guarda, com três ou quatro pequenos quartos em ambos os lados do longo corredor. Foi em um desses quartinhos que fomos jogados, e logo trouxeram também meu pai. Aqui viveríamos juntos por dois dias.

Meu pai encontrou uma maneira de trazer consigo ao encontro, passando pela revista obrigatória, algumas páginas de caderno em que, com a letra apertada, anotou seus poemas da prisão e os primeiros do campo de trabalhos forçados; então, ele já tinha cerca de duas dezenas deles. Naturalmente, ele próprio lembrava de seus versos mesmo sem cola; os textos anotados eram necessários para que nós tentássemos render-lhes a liberdade¹² depois do encontro. Mas não havia qualquer certeza de que nós conseguíssemos isso: nós também deveríamos ser revistados na saída, após o encontro. Por isso, gastei parte do encontro relendo algumas vezes os poemas de meu pai e decorando-os. Consegui sem dificuldades: aos quinze anos, a memória é jovem e tenaz, e sempre lembrei-me de poesias com particular facilidade. (Resumindo, lembro desta seleção de versos ainda hoje, 50 anos depois, palavra por palavra). Também foi possível passar as anotações sem problemas: antes do final do encontro, sem pensar muito, enfiei-as na meia, calcei-me e saí para a área de guarda, soltando a cada passo um ruído suspeito. Claro que a qualquer revista mais ou menos cuidadosa os papéis com os poemas seriam inevitavelmente encontrados e confiscados. Felizmente, a revista desta vez foi bem superficial: ordenaram-me que tirasse os sapatos e checaram as botas, mas não me fizeram tirar as meias.

12 N.M.D.: Aleksandr faz novo uso de “vólia” sobre os papéis, desta vez, conjugado com o verbo “vínesti” (retirar, passar): “... чтобы мы попытались после свидания вынести их на волю”.

De um jeito ou de outro, os poemas se lançaram à liberdade,¹³ foram trazidos para casa, datilografados na máquina de escrever e passados de mão em mão. E despertaram um interesse notável entre o público leitor. A seleção de poemas de Iúli Daniel pegou no misterioso mecanismo do *samiždat*,¹⁴ no qual demanda e oferta são, em essência, a mesma coisa, como se fosse a rebuscada poesia do “século de prata”, e penetrou de uma coleção particular a outra, multiplicando-se às dezenas, e, talvez, às centenas de exemplares – testemunho disto são os muitos arquivos de *samiždat* que se mantiveram até os nossos dias. Praticamente em qualquer um deles encontramos uma cópia datilografada dos poemas da prisão de Daniel. Mais ou menos no ano de 1967, esta seleção foi parar além das fronteiras, e foi publicada na revista de emigrantes russófonos “Grani”.

Por que os poemas de Daniel, de repente, gozaram de popularidade? E qual quinhão dessa popularidade deve-se atribuir ao talento poético do autor, e qual ao interesse quanto à personalidade de um dos julgados no mais ruidoso processo político daqueles anos? O próprio Iúli Daniel deu sua opinião sobre isso de maneira bastante cética:

*“... infelizmente, entendo perfeitamente que o interesse quanto aos meus poemas se deve muito ao autor, sua situação e condição. Transpus a felicidade de criar algo que existisse sozinho para o leitor, independente de mim.” (da carta Nº 43, datada de 22/05/1968).*¹⁵

O quanto ele estava certo ou errado, não cabe a mim julgar, mas aos leitores de seus versos.

No campo de trabalhos forçados e, depois, na prisão de Vladímir, para onde transferiram meu pai em 1969 por “mau comportamento”, ele continuou a escrever versos. Ele anexou novamente sua obra poética em cartas, e a indulgente censura frequentemente não as liberava; às vezes, aliás, os censores desanexavam as inclusões poéticas e ele precisava reenviá-las usando diversos modos “ilegais”. Já alguns poemas de caráter claramente publicístico ele nem tentava enviar por meios legais. Lembro-me de como, no outono de 1968, algum dos colegas de campo do meu pai trouxe-me uma caixa de fósforos dentro da qual, dobrada quatro vezes, havia uma *ksíva*¹⁶ – dois diminutos quartos de papel de cigarro. Nestes dois papei-

13 N.M.D.: No original, “Так или иначе, стихи вырвались на волю...”.

14 N.M.D. Cópias caseiras de livros proibidos. Mais sobre a prática e suas variações pode ser encontrado no seguinte artigo: https://br.rbth.com/arte/literatura/2017/07/11/os-homens-que-copiavam_800320

15 N.A.D. Idem, p. 330-331.

16 N.M.D.: Proveniente do iídiche, a palavra é utilizada em russo para designar anotação ou carta passada de maneira ilegal de cela em cela, de campo em campo e a partir da prisão para a liberdade, e vice-versa.

zinhos microscópicos, com letras quase indistinguíveis a olho nu, estava inscrito um ciclo poético ou, melhor dizendo, o poema de Iúli Daniel “A v eto vrêmia...” (“E neste tempo...”), com quase 300 linhas; cada um dos nove poemas desse ciclo ocupava, em média, seis centímetros quadrados de papel. Isto foi resultado do trabalho, como eu soube depois, de um companheiro de campo do meu pai, Serguêi Mochkov; antes da prisão, Serguêi era um estudante do quinto ano da faculdade de biologia e tinha uma ótima experiência com preparados microscópicos. Eu não tinha tal habilidade, e passei alguns dias com a lupa decifrando essas inscrições. Outra *ksíva* que chegou mais tarde continha a tradução cunhada por meu pai de um poema do poeta letão Knuts Skuieniëks, hoje reconhecidamente líder da literatura contemporânea letã, mas, naquele tempo, colega de campo de trabalhos forçados de Daniel. O poema, intitulado “Ne ogliádivaisial!” (“Não olhe para trás!”), era em si próprio uma inversão da trama do mito da Antiguidade de Orfeu e Eurídice (Eurídice desce a Hades para retirar de lá o autor, Orfeu) e era repleto de alusões aos campos e reminiscências. Meu pai, de qualquer maneira, até no campo tentava, sobretudo, retornar a sua profissão literária principal: a de tradutor de poesia.

No que diz respeito a sua própria poesia autoral, em cinco anos de cativo Iúli Daniel reuniu quase meia centena de poemas independentes e aquele curto supramencionado. Tudo isso foi publicado na coletânea “Stikhí iz nevôli” (“Poemas do cativo”), que foi lançada em Amsterdã em 1971, logo após a libertação de Daniel da prisão. Relativamente há pouco tempo, já depois da morte de meu pai, fiquei sabendo que a publicação foi feita com seu conhecimento e sob seu consentimento.

Em liberdade, Daniel lidava com os resultados poéticos de seus cinco anos de “missão artística” da mesma maneira como o fazia durante a prisão: de maneira moderada, sem afetação, mas também sem se autodestruir. Quando pediam que ele declamasse seus poemas do campo e da prisão, ele o fazia, apesar de também sem grande desejo. Com grande prazer, porém, lia suas traduções feitas naquele mesmo período, do supracitado poema de Knuts Skuieniëks até o clássico francês do século 19 Théophile Gautier, que traduziu na prisão de Vladímir. Quando foi libertado, ele se entregou completamente a sua principal ocupação literária, a tradução de poesia, e trabalhou muito e de maneira frutífera nessa esfera, realizando-a com alegria e deleite, apesar de as condições para publicação serem bastante humilhantes: ele só estava autorizado a publicar suas traduções sob pseudônimo (e não aquele, claro, sob o qual um dia publicou sua prosa “criminoso” além-fronteiras, mas outro, imposto pela KGB, Iúri Petróv). Iúli Daniel também não deixou, de maneira alguma, a prosa, apesar de já não haver retornado à literatura de ficção: até

meados dos anos 1980, ele continuou o ciclo de miniaturas de memórias e ensaios pensados ainda na prisão de Vladímir, sob o título geral de “Svobôdnaia okhôta” (“Caça livre”). Mas, ao transpor o limiar dessa prisão em 12 de setembro de 1970 e sair para a liberdade, ele não compôs mais nem um único verso poético autoral (à exceção de diferentes tipos de improvisos cômicos, os quais todos fazemos de vez em quando). Jamais.

На ринге

Юлий Даниэл

Я вышел, боксом не владея,
Рискнув удачливой судьбой.
Не звал ни Бога, ни людей я —
И проиграл до боя бой.

Толпа — грохочущая прорва,
Перчатки — парюю гранат...
Удар! Я смят, отброшен, взорван,
И спину мне обжег канат.

Удар! Бесстрастно смотрят судьи,
Как дышит голая душа,
Как до моей до тайной сути
Добрался мастер не спеша.

Он — бог. Его движенья четки,
Как протоколы — без прикрас,
И ставят черные перчатки
Удары — точки после фраз.

Мне от беды не отвертеться,
Меня везде достанет плеть,
А все ж не будет полотенце
У ног, постыдное, белеть!

Я жду: сейчас меня накажут
За дерзость и за простоту.

No ringue

Iúli Daniel

Eu entrei, sem o boxe dominar,
Arriscando um destino de sorte.
Não invoquei Deus ou homem —
E perdi a luta antes de lutar.

A multidão – estrondosa massa,
As luvas – um par de granadas...
Golpe! Eu aniquilado, lançado, arreventado,
E o cordão minhas costas a queimar.

Golpe! Impassivelmente assistem os juízes
Como respira uma alma nua,
Como, sem se apressar, o mestre
minha essência secreta extenua.

Ele é deus. Seus movimentos, precisos,
Como protocolos – sem invencionices,
E as luvas negras a deixar
Golpes – pontos depois das frases.

Eu da desgraça não escapo,
Por todo o lado o açoite a me alcançar,
Mas, pelo menos, toalha não haverá
às pernas, vergonhosa, a branquear!

Espero: agora serei castigado
Pelo atrevimento e pela simplicidade.

Ну что же — бей! Пускай нокаут
Под схваткой подведет черту.

E então?! Bata! Deixe o nocaute
colocar o ponto final no combate.

Я поражение любое
Приму, зажав зубами крик,
Не для победы, а для боя
Я шел на ринг.

Eu qualquer derrota aceito
Cerrando com os dentes o grito,
Não é pela vitória, mas pela luta
Que o ringue eu adentro.

Предисловия к журнальной публикации стихотворения Ю.М.Даниэля “На ринге” (Александр Даниэл)

Юлий Даниэль никогда не считал себя поэтом. До поры, до времени Даниэлю и в голову не приходило заниматься стихотворчеством систематически. Разве что изредка, как многие в его кругу, он позволял себе экспромтом сочинить стихотворный шарж или эпиграммы «к случаю» - но, разумеется, серьезно к этим опытам не относился. Правда, он мастерски вставлял поэтические фрагменты в свои прозаические тексты: в неопубликованной исторической повести «Бегство»¹⁷ встречаются вирши, стилизованные под XVIII век (время действия повести); главы повести «Говорит Москва» снабжены стихотворными эпиграфами, подписанными именами несуществующих поэтов; в рассказ «Искушение» вмонтированы стихи и песни, «сочиненные» персонажами повести. При всем блеске этих стихотворных миниатюр, они задумывались как элементы прозы и на самостоятельное литературное существование не претендовали. (Правда, впоследствии одна из таких миниатюр, - песня «Цыганки», исполняемая одним из героев «Искушения», - была положена на музыку одновременно несколькими исполнителями авторской песни и неожиданно вошла в городской фольклор).

Строго говоря, и прозе своей, - трем рассказам («Руки», «Человек из МИНАПа», «Искушение») и одной небольшой повести («Говорит Москва»), - той прозе, которую он тайно публиковал за рубежом под псевдонимом «Николай Аржак», и за которую получил пять лет лагерей, он не придавал большого литературного значения. Его друг и «одноделец»

17 Эта повесть в 1965 году была принята к публикации в издательстве «Деттиз» и даже отпечатана в типографии – но тут Даниэля арестовали и весь отпечатанный тираж пошел «под нож».

Андрей Синявский выработал собственный литературный проект, который назвал «фантастическим реализмом» и мощно реализовал этот проект в романах, повестях и рассказах своего литературного двойника Абрама Терца. Синявский отчетливо понимал, что прокладывает новый путь в отечественной литературе. Даниэль же, с огромным шлететом и восхищением относившийся к литературным экспериментам Синявского-Терца, сам ни из каких теоретических проектов не исходил; он просто пробовал себя в беллетристике, не слишком переоценивая (пожалуй, скорее, недооценивая) результаты. Свою повесть «Говорит Москва» он заканчивает словами: «Я думаю, что написанное мною могло быть написано любым другим человеком моего поколения, моей судьбы, так же, как и я любящим эту проклятую, эту прекрасную страну». Беллетристика не была главным делом его жизни: интересно, что прозу он писал всегда набело, без помарок, черновиков и вариантов, подвергая написанное лишь незначительному стилистическому редактированию. Иногда мне кажется, что вся история с «тайным писательством» была для него, главным образом, литературно-биографической авантюрой, рискованным приключением в мире словесности.

Настоящей литературной профессией Юлия Даниэля был поэтический перевод, и к этой своей профессии он относился предельно серьезно. Ради того, чтобы добиться адекватного звучания на русском какого-нибудь иноязычного восьмистишия, он мог неделями и месяцами сидеть над подстрочником, перебирать и отбрасывать десятки вариантов, вновь и вновь погружаться в творчество переводимого поэта, в культуру и историю другой страны. Он с гордостью называл себя ремесленником поэтического перевода, вкладывая в слово «ремесло» его первоначальное, торжественно-средневековое, цеховое значение.

А претендовать на звание поэта Даниэлю даже не приходило в голову: он слишком высоко, выше всего на свете, ставил русскую поэзию, чтобы решиться на такое.

Для меня было неожиданностью, когда в феврале 1966, на первом свидании в Лефортовском следственном изоляторе, уже после суда и приговора, отец сообщил нам, - моей матери и мне, - что в тюрьме он стал сочинять стихи. Он даже хотел прочесть нам одно из них, - как он выразился, «чисто спортивное по содержанию», - но был остановлен бдительным надзирателем, присутствовавшим на свидании. Наверное, это как раз и было стихотворение «На ринге».

«Что это с папой?», - спросил я у матери, выйдя со свидания. – «Он, что, решил переквалифицироваться в поэты?». «Не волнуйся», - философски ответила моя эрудированная матушка. – «В тюрьме все пишут стихи».

(Когда два с половиной года спустя моя мать в свою очередь попала в тюрьму, я на свидании напомнил ей эти слова. «Все – но не я!», - гордо сказала она.)

И в самом деле: первое тюремное стихотворение Юлиа Даниэля, обращенное к друзьям («Вспоминайте меня. Я вам всем по строке подарю») было написано им в сентябре 1965 года, через несколько дней после ареста, в Лубянской следственной тюрьме¹⁸. Последнее же стихотворение, которое так и называется – «Последнее» («Этот год пройдет с пустой котомкой»), писалось во Владимирской тюрьме в августе 1970-го, за пару недель до выхода на свободу. Все, больше мой отец к поэзии никогда не обращался.

Нет, он не стеснялся своего поэтического творчества. В своих письмах из мордовского лагеря и Владимирской тюрьмы он часто обсуждает его со своими корреспондентами, хотя общая тональность этих обсуждений сдержанная: ему приятно, когда друзья хвалят его стихи, но когда их ругают, он тоже не очень огорчается. Приведу несколько цитат из этих писем:

Я твердо решил, что писать прозу я здесь не буду. То, что написал, — жжж. Плохо и не то. Нельзя, невозможно писать с оглядкой. Но очень странно, сам не пойму, в чем дело: стихи пишу без всяких оглядок, без «внутреннего редактора». Вот этим и ограничусь — своими стихами и переводами (из письма №17, запись от 16/XI-66).¹⁹

«У меня нет или почти нет авторского самолюбия, во всяком случае, применительно к стихам. Все равно, кто бы что бы ни говорил, иначе как к конспектам я к ним не отношусь» (из письма №54, запись от 11/XI-68).²⁰

«Я не думал, что к этому можно относиться так всерьез и говорить об этом так профессионально. Мне как-то все больше простенькие оценки представлялись: «удачно — неудачно», «нравится — не нравится». А тут... Полно, уместен ли большой литературный разговор? <...> ...страшно и не по чину мне в этом участвовать. Я

18 Андрею Синявскому и Юлию Даниэлю выпало стать едва ли не последними узниками этой самой знаменитой в СССР следственной тюрьмы: осенью она была закрыта, а всех содержащихся в ней подсудимых, в том числе Синявского и Даниэля, перевели в следственный изолятор КГБ в Лефортово.

19 Юлий Даниэль. «Я все сбиваюсь на литературу...». Письма из заключения. Стихи. – М.: «Мемориал»-«Звенья», 2000. - С.143.

20 Там же, с.398.

ведь как думал? Все это (не только эти стихи и не только стихи) — иллюстрация ко мне» (из письма №68, запись от 18/ХП-69).²¹

Судя по этим цитатам, собственные стихи для Даниэля не «Поэзия с большой буквы», а лишь средство самовыражения, емкое и энергичное средство коммуникации с миром, прежде всего – с друзьями. Настоящая же Поэзия, по его мнению, не может быть средством, она самоценна; отсюда постоянные сомнения в том, действительно ли то, что он пишет, настоящая поэзия. А самовыражение и коммуникация необходимы, ибо Юлино Даниэлю необходимо публично обозначить себя, свое нынешнее мироощущение, свой взгляд на роль, которую он только что сыграл – роль героя громкого политического процесса. Даниэлю, сугубо частному человеку, была глубоко чужда роль «общественного деятеля». Но коль скоро судьба привела его к этой роли, он не собирается уклоняться от судьбы – однако при этом намерен твердо дистанцироваться от ложного пафоса, часто сопрягаемого с «общественно значимой гражданской позицией». Есть ли для литератора, владеющего пером, лучшее средство декларировать свою истинную позицию, чем стихи?

«...отлично знаю, что никакой я не лирик (в стихах, по крайней мере), вирши мои декларативны (что, впрочем, именно сейчас кажется мне имеющим определенный смысл) и вообще они — побрякка самому себе. Выберусь на волю — «завяжу»» (из письма №4, запись от 20/IV-66).²²

Все это самым непосредственным образом относится и к стихотворению «На ринге» - нехитрой и нисколько не замаскированной метафоре противостояния с Комитетом госбезопасности, того, противостояния, через которое автор только что прошел, и того, которое ему еще предстоит.

Кроме того, стихи – технически самый подходящий жанр для тюрьмы и лагеря. Не надо прятать и перепрятывать рукописи, опасаясь внезапного обыска и изъятия написанного, ибо стихи легко запомнить. А потом, при случае, передать на волю, если лагерная цензура их пропустит, – в письме, если нет – по какому-нибудь «нелегальному» каналу.

* * *

21 Там же, с.532-533.

22 Там же, с.46.

С тюремными стихами отца я познакомился в марте 1966, когда мы впервые приехали в мордовский лагерь на так называемое «личное свидание». Личные свидания в лагерях строгого режима давали (если давали) раз в год, длительностью от полусуток до трех; нам в тот раз дали двое суток. Для этого между первым и вторым рядами колючей проволоки, опоясывающей лагерь, был выстроен «дом свиданий» - примыкающее к вахте небольшое одноэтажное строение, с тремя или четырьмя маленькими комнатками по обе стороны длинного коридора. В одну из этих комнаток нас и запустили, а вскоре сюда привели и отца. Здесь нам предстояло прожить вместе двое суток.

Отец ухитрился пронести с собой на свидание через обязательный обыск несколько тетрадных листочков, на которых убористым почерком записал свои тюремные и первые лагерные стихотворения; к этому времени их у него около двух десятков. Сам он, естественно, помнил свои стихи и без шпаргалки; записанные тексты нужны были для того, чтобы мы попытались после свидания вынести их на волю. Однако, уверенности в том, что у нас это получится, не было никакой: нас ведь тоже должны были после свидания обыскать на выходе. Поэтому часть свидания я потратил на то, чтобы несколько раз перечитать отцовские стихи и запомнить их наизусть. Это удалось без труда: в пятнадцать лет память молодая и цепкая, а стихи я всегда запоминал особенно легко. (Впрочем, эту стихотворную подборку я и сегодня, через 50 лет, помню слово в слово). Записи тоже удалось вынести без проблем: перед окончанием свидания я, недолго думая, записнул их в носок, обулся и пошел на вахту, издавая на каждом шагу подозрительное шуршание. Конечно, при любом мало-мальски добросовестном обыске листочки со стихами были бы неизбежно обнаружены и изъяты. К счастью, обыск в тот раз был весьма поверхностным: мне приказали разуться и проверили ботинки, но носки снимать не заставили.

Так или иначе, стихи вырвались на волю, были привезены домой, перепечатаны на пишущей машинке и пошли по рукам. И вызвали неожиданно заметный интерес у читающей публики. Загадочный механизм «самиздата», в котором спрос и предложение суть одно и то же, подхватил подборку тюремных стихотворений Юлиа Даниэля, как если бы это была изысканная поэзия «серебрянного века», и понес их от одной домашней коллекции к другой, на ходу размножая ее в десятках, а, может быть, сотнях экземпляров – об этом сегодня свидетельствуют многочисленные личные архивы самиздата, сохранившиеся до нашего времени. Почти в любом из них мы находим машинописные копии тюремных стихов Даниэля. Году

примерно в 1967 эта подборка попала уже и за границу, и была опубликована в русскоязычном эмигрантском журнале «Грани».

Почему стихи Даниэля неожиданно приобрели популярность? И какую долю этой популярности следует отнести на счет поэтического таланта автора, а какую – на счет общественного интереса к личности одного из подсудимых на самом громком политическом процессе тех лет? Сам Юлий Даниэль высказывался по этому поводу довольно скептически:

«...уввы, я очень хорошо понимаю, что в интересе, проявляемом к моим стихам, слишком много приходится на долю автора, его положения и состояния. Меня миновало счастье создать вещь, которая существовала бы для читателя отдельно и независимо от меня» (из письма №43, запись от 22/V-68).²³

Насколько он был прав или неправ – судить не мне, а читателям его стихотворений.

В лагере, а потом и во Валимирской тюрьме, куда моего отца перевели в 1969 году за «плохое поведение», он продолжал писать стихи. Вновь сочиненные стихотворения он вкладывал в письма, и снисходительная цензура чаще всего их пропускала; иногда, впрочем, стихотворные вложения изымались цензором, и ему приходилось пересылать их разными «нелегальными» способами. А некоторые стихи явно публицистического характера он и не пытался посылать легально.

Lembro-me de como, no outono de 1968, algum dos colegas do meu pai, ao deixar o campo de trabalhos forçados, trouxe-me uma caixa de fósforos dentro da qual, dobrada quatro vezes, havia uma ksíva

Помню, как осенью 1968 года кто-то из освободившихся сокамерников отца принес мне спичечный коробок, в котором, сложенная вчетверо, лежала «ксива» - две крохотных четвертушки папиросной бумаги. На этих двух листочках микроскопическими, почти неразличимыми невооруженным глазом буквами был записан стихотворный цикл или, скорее, поэма Юлия Даниэля «А в это время...», объемом более 300 строк; каждое из девяти стихотворений этого цикла занимало в среднем 6 кв.см листка. Это была, как я узнал позднее, работа лагерного товарища моего отца, Сергея Мошкова; перед арестом Сергей был студентом 5 курса биологического факультета и имел отличные навыки работы с микроскопическими препаратами. Я такого навыка не имел и провел с лупой несколько дней, расшифровывая эту запись.

23 Там же, с.330-331.

Другая «ксива», пришедшая позднее, содержала сделанный отцом перевод поэмы латышского поэта Кнута Скуениекса, ныне – признанного лидера современной латышской литературы, а в то время – солагерника Даниэля. Поэма называлась «Не оглядывайся!», представляла собой сюжетную инверсию античного мифа об Орфее и Эвридике (Эвридика спускается в Аид, чтобы вывести оттуда автора – Орфея) и была переполнена «лагерными» аллюзиями и реминисценциями. Отец мой все-таки даже в лагере больше всего стремился вернуться к своей основной литературной профессии – поэтическому переводу.

Что касается собственной оригинальной поэзии, то за пять лет неволи у Юлия Даниэля набралось около полусотни отдельных стихотворений и одна небольшая поэма, упомянутая выше. Все это было опубликовано в сборнике «Стихи из неволи», выпущенном в Амстердаме в 1971 году, вскоре после освобождения Даниэля из заключения. Сравнительно недавно, уже после смерти отца, мне стало известно, это издание состоялось с его ведома и согласия.

На свободе Даниэль относился к поэтическим результатам своей пятилетней «творческой командировки» так же, как и в заключении: сдержанно, без аффектации, но и без самоуничтожения. Когда его просили почитать свои лагерные и тюремные стихи – читал, хотя и без особой охоты. С куда большим удовольствием он читал свои переводы, сделанные в тот же период, от названного выше перевода поэмы Кнута Скуениекса до французского классика XIX века Теофиля Готье, которого он переводил во Владимирской тюрьме. Выйдя на свободу, он полностью отдал себя своей основной литературной профессии – поэтическому переводу, работал в этой области много и плодотворно, занимался этим радостно и с наслаждением, хотя условия публикации были довольно унижительными: ему разрешено было публиковать свои переводы только под псевдонимом (не тем, разумеется, под которым он когда-то печатал за границей свою «криминальную» прозу, а под другим, навязанным КГБ – «Ю.Петров»). Прозу Юлий Даниэль тоже не вовсе оставил, хотя к беллетристике уже не вернулся: до середины 1980-х он продолжал задуманный еще во Владимирской тюрьме цикл мемуарно-эссеистических миниатюр под общим названием «Свободная охота». Но, перешагнув 12 сентября 1970 порог этой тюрьмы и выйдя на волю, он не сочинил больше ни одной собственной поэтической строчки (за исключением разного рода шуточных экспромтов, которые все мы слагаем от случая до случая). Никогда.

Referências

DANIEL, Iúli. *Iá vsiò sbivaius na literaturu... Pismá iz zakliutchenia. Stibi*. Moscou: Memorial-Zvenia, 2000. p. 143.

HUTCHESON, Mark. *Russian Poetry and Glasnost: A Case Study*. The Poetry Ireland Review. No. 26 (Summer, 1989), pp. 62-67.

JORNAL DO BRASIL. *Escritores russos negam acusações*. 11/02/1966, p. 8.

JORNAL DO BRASIL. *Brasileiros defendem escritores*. 20/02/1966, p. 8.

Publicações eletrônicas:

https://br.rbth.com/artes/literatura/2017/07/11/os-homens-que-copiavam_800320